

Amor, autoridade e coerência

Autora:

Pepa Horno Goicoechea. Psicóloga. Consultora de infancia, afectividad y protección

Tradução: Susana Rocha

Palavras-chave: amor, autoridade, coerência, violência, limites, castigo, normas

Gostar dos filhos depreende-se como algo lógico, algo natural, mas conjugar esse amor com a responsabilidade sobre a sua protecção e a sua educação converte-se numa tarefa que aos pais e mães se torna por vezes impossível, para a qual além disso não receberam formação nem apoio.

Educar implica três componentes imprescindíveis: o amor, a autoridade e a coerência. Os três elementos supõem, além disso, uma aprendizagem pessoal e relacional que vai transformar como pessoas os pais e mães e vai garantir o desenvolvimento óptimo dos seus filhos.

Os afectos são como um espelho no qual cada pessoa se observa e a partir do qual vai construindo a sua forma de ser e a sua confiança no mundo. Dependendo das mensagens que esse espelho envie, a imagem própria e a dos demais pode variar significativamente. As mensagens educativas chegam sempre através dos vínculos afectivos. Se os pais querem que as suas mensagens educativas cheguem aos seus filhos, lhes assentem e as assumam como próprias, devem primeiro aprender a gostar deles e conseguir construir um vínculo afectivo com eles.

Mas ganhar essa posição de autoridade sobre os filhos é uma tarefa que leva ainda mais tempo. Aprender a dizer “não”, decidir quais são as normas sob as quais se quer educar os filhos, os limites que estas normas vão suportar, ir sendo capazes de adaptá-las à evolução natural das crianças e conseguir que as assumam como próprias e as cumpram são parte desta tarefa. Educar é um processo gradual no qual as normas formam parte da relação, se constroem conjunta e gradualmente com os filhos, se adaptam às características de cada pessoa e situação, mas uma vez que se chegue a um consenso e se decidem, hão-de cumprir-se. As normas e os limites não são negociáveis porque são um direito das crianças, não dos seus pais, o direito a serem educados com as condições que permitam o seu pleno desenvolvimento.

Para conseguir essa autoridade surge o terceiro elemento: a coerência. Não se educa tanto no que se diz como no

que se sente e se faz. Transmite-se aos filhos os valores que os pais convertem em guias da sua própria vida e do meio socio-afectivo e relacional que criam para os seus filhos e para as suas famílias. A educação em valores não é só um conteúdo da sala de aula, mas sim o exemplo diário que se oferece às crianças. A coerência entre o que se diz e o que se faz, a coerência entre os conteúdos que transmitem os distintos adultos no ambiente da criança, e a consistência nas mensagens através do tempo dota esses valores de consistência, torna-os reais e palpáveis.

Enestes três elementos: o afecto, a autoridade e a coerência, é onde a erradicação de qualquer forma de violência na educação dos filhos tem uma importância capital. O castigo físico e psicológico são todas essas formas de violência que formaram parte da formação desde sempre e que se justificam como necessárias para a educação da criança. É necessário um processo de mudança de atitudes sociais que faça com que as pessoas deixem de entender o castigo físico ou psicológico como um direito como pai ou mãe, ou inclusive como uma obrigação educativa como argumentam muitos, a passem a entendê-lo como um erro, fruto de sentir-se ultrapassado, esgotado ou incapaz de resolver uma situação conflituosa, mas um erro que não pode ser justificado. Só assim os pais se esforçarão por evitá-lo.

Hoje em dia o castigo físico e psicológico às crianças nas famílias é a única forma de violência que continua a ser aceite socialmente, porque não se reconhece como violência. Se uma bofetada é dada por um adulto, incluindo um estranho, não se reconhece como acto violento, porque existe um sentimento de propriedade e de esfera privada dentro das famílias que leva a justificar estas pautas violentas de disciplina. Além disso, questionar o castigo físico e psicológico implica que os pais questionem não só a sua conduta como pais, mas também a dos seus pais com eles mesmos, e esse processo às vezes pode ser doloroso. Reconhecer os erros de quem se ama às vezes é até mais difícil do que reconhecer os próprios.

Além disso, as bofetadas, os gritos e os insultos transmitem aos filhos três mensagens perversas: ensinam-lhes que as pessoas que os amam e que devem protegê-los têm direito a agredi-los, ensinam-lhes que aquele ou aquela que tem autoridade sobre eles pode abusar dela e agredi-los e ensinam-lhes que a violência é uma forma legítima de resolver os conflitos. Quando batemos no nosso filho por ter batido noutra criança na escola, quando lhe ralhamos por usar os palavrões que aprendeu de ouvi-los aos seus pais, ou quando humilhamos um filho diante dos seus irmãos estamos não só a danificar a sua identidade e o seu desenvolvimento, mas também a abusar do poder que nos brinda precisamente o seu amor e o seu cuidado.

Não se deve defender as bofetadas como método para impôr limites, deve-se impôr limites para não chegar às bofetadas, e assumir que o respeito à integridade e dignidade das pessoas começa pela dos próprios filhos.

BIBLIOGRAFIA

- Bowlby, J. (1998) "Apego y pérdida" Ed. Paidós
- Cyrułnik, C. (2000) "Los patitos feos" Ed. Gedisa
- Horno, P. (2004) "Educando el afecto" Ed. Grao
- Horno, P. (2009) "Amor y violencia: la dimensión afectiva del maltrato" Ed. Descleé de Brouwer.